

A formação da nação possível ou mais uma utopia. Uma leitura de *A Geração da Utopia* do angolano Pepetela

Suzana Rodrigues Pavão
Universidade de São Paulo – USP

O romance de Pepetela é a epopéia de uma geração que deseja ter uma nação para construir e viver. Acompanha o caminhar de uma juventude que vive, estuda e trabalha na metrópole, Portugal. A primeira parte, *A Casa*, nos introduz no cotidiano dos estudantes do Império. *A Casa* é o lugar da aprendizagem de encontros e da formação ideológica dos jovens africanos das diversas nações.

Precisamos, na presente comunicação, falar, embora com certa rapidez, devido às exigências de uma comunicação em um evento como o que agora participo, pois não é espaço adequado para discutir com exatidão o conceito teórico de “nação” e sua construção. Trata-se de um dos conceitos mais controvertidos para se estudar e definir. Partimos aqui da concepção de Benedict Anderson que nos define nação como uma “comunidade imaginária” e dessa forma restrita, com fronteiras delimitadas e com componentes que se identificam através de elementos culturais, língua ou etnias. Dessa forma cada nação é limitada, pois se caracteriza por oposição ou estranhamento em relação à outra.

É concebida como imaginária, pois é o modelo estabelecido pelas elites como o ideal para seu povo.

A nação no conceito africano apresenta características muito próprias e, embora sejam comunidades imaginadas por elites internacionais, nascidas em um lugar e optando por viver em outro e lutando a vida toda para voltar ou fugir de suas terras natal, apresentarão peculiaridades da cultura tradicional que os colonizadores lutaram, mas não conseguiram eliminar.

Ao analisarmos *A Geração da Utopia* de Pepetela, não podemos deixar de lado conceitos teóricos sobre a nação, pois só assim conseguiremos compreender e penetrar no universo angolano apresentado pela narrativa e na construção dos personagens, de seus anseios e de suas utopias.

O foco da narração está voltado para os estudantes angolanos ao procurar mostrar os antagonismos e as semelhanças existentes entre eles. A personagem Sara, logo nos mostra a primeira diferença ao se sentir e constatar que, por ter a pele branca, já é segregada por seus conterrâneos que não a consideram, por esse motivo, confiável. As ideologias vão se colocando e se contrapondo e assim o aprendizado para a luta se vai realizando. Nos angolanos de Pepetela, percebemos a ausência de uma ideologia própria e uma busca de identificação em revoluções que não são próprias de sua história, de suas tradições, do seu território, cultura e povo. Os ensinamentos terminam por ser alienígenas e talvez não consigam adequar-se, na totalidade às necessidades de Angola. As diferenças estão latentes dentro da própria Angola. O espírito tribal, desconhecido pelas ideologias advindas da

Europa, faz com que na maioria das vezes esses pensamentos, por mais revolucionários que sejam, não falem de perto aos habitantes de Angola. O mais importante entre eles é saber se os correligionários são do sul ou do leste, de Luanda ou de Benguela. Se filhos de colonos de antigas gerações, se mestiços ou não. Talvez a grande utopia desse povo esteja em fazer do território dos antepassados um único país. Para que possam todos se dizer angolanos. Pepetela acompanha toda a geração que se preparou e caminhou para a luta que deveria construir a Angola livre e única.

Se no mundo ocidental europeu, a nação construiu os estados, começamos a perceber que agora, em Angola e talvez em toda a África o oposto está a ser feito: Os estados tentam construir a nação, o que talvez não seja possível e é um ponto ainda a ser muito pesquisado e analisado, pois a situação africana possui uma dinâmica bastante peculiar.

Não podemos nos esquecer que o atual mapa africano foi debatido e distribuído em reunião entre países colonizadores interessados. Em nenhum momento se pensou em respeitar ou conhecer as diferenças existentes entre cada um dos grupos étnicos. Muitos foram separados e tiveram entre eles fronteiras, colonizadores culturais e línguas diferentes.

Ao dizermos anteriormente que ser um único povo seria a maior utopia de Angola, devemos falar um pouco de nossa pesquisas sobre a utopia e sua multiplicidade de definições e aproximações possíveis. Faremos aqui um caminhar pelo conceito de ideologia e utopia para chegarmos ao objeto de nossa análise através da narrativa “A Geração da Utopia”, escrita por um autor militante e que participou ativamente da realidade política de seu povo e produz uma obra muitas vezes datada, por seu conteúdo político de momento e essa característica em nada desmerece o valor literário de sua produção.

Na perspectiva que nos interessa analisar, acreditamos ser fundamental que partamos do princípio que o autor analisado, tem fé em sua imaginação política e crê que o melhor dos mundos não é apenas pensável, mas é também possível ou até certo ponto inelutável porque a ele somos levados pela força das coisas. Há uma disparidade grande de definições sobre o que venha a ser utopia, e muitas bibliografias abrem um vasto campo de polêmicas sobre a questão. As soluções propostas de cada vez assumem um valor subjetivo, que gera confusões e desentendimentos sempre que sejam esquecidas as premissas sobre as quais os teóricos se apóiam. A etimologia é conhecida e é muito simples quando se supera a disputa filológica aberta pelo livro de Thomas Morus; ou seja, se a *Utopia* daquele neologismo deve entender-se como contração do grego *ou* (e como substitutiva do uso correto de um a privativo e não mais como contração de eu). Enfim, “lugar inexistente” ou “lugar feliz”.

Iremos nos apoiar em uma das mais consistentes definições de Utopia que nos foi deixada pelo teórico Karl Mannheim. Para ele, a mentalidade utópica pressupõe não só estar em contradição com a realidade presente, mas também romper os liames da ordem existente. Não se trata de fantasia ou mesmo de sonho para se sonhar acordado, mas é uma ideologia que se realiza na ação de grupos sociais. Transcende a situação histórica enquanto orienta a conduta para elementos que a realidade presente não contém, portanto, não é ideologia na medida em que consegue transformar a ordem existente numa forma mais de acordo com as próprias concepções.

Substancialmente, Mannheim reconduz o conceito de utopia ao terreno da ideologia, para logo após provoca uma divisão interna entre as ideologias revolucionárias (ditas utopias) e ideologias conservadoras (ideologias propriamente ditas). Para ele, ideologia é a forma de agir e pensar da classe dominante e que pretende manter o *status quo* vigente. Apenas seguimos, ouvimos ou entendemos a mensagem que está ao lado de nossos próprios conceitos de vida e a ideologia de cada classe ou povo sempre mantém o poder estabelecido. Mannheim só nos fala em ideologia das classes revolucionárias após estudar o pensamento de Weber e de aderir ao marxismo, que prepara as classes para a atuação das classes proletárias às quais denomina revolucionárias.

Não precisaríamos obrigatoriamente citar Mannheim para lançar tal gênero de polêmica, pois Lamartine já via nas Utopias a realidade de amanhã. Ou ainda a citação de Nicola Berdinaeff que figura como epígrafe na obra *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley;

As utopias parecem hoje muito mais realizáveis do que seriam há algum tempo atrás, quando nelas não se acreditava... As Utopias são realizáveis. A vida marcha para as utopias.

O que constatamos é que há uma projeção de desejos não plenamente satisfeitos numa determinada situação histórica. O sonho pode ser a compensação, tanto em nível espiritual como em nível material e, tanto num caso como em outro, não assume relevo de utopia política se o ideal a ser realizado não nasce de uma organização comunitária que ofereça uma solução definitiva aos problemas de ordem econômica e social.

A personagem considerada por nós central em toda a narrativa é o jovem estudante, depois comandante da guerrilha e mais tarde o descontente ermitão Aníbal. Ele estuda, prepara-se para o dia em que a luta ganhar corpo e que possa aplicar suas convicções para construir a comunidade imaginada angolana. Para ele não se trata de imaginação ou sonho e sim de uma possibilidade real.

Em Portugal, na década de 60 é o lugar de exílio de Aníbal e seus companheiros. A *Casa dos Estudantes do Império* será a marca da posição de onde as fronteiras significativas são atravessadas.

A formação intelectual, a educação necessária aos jovens das colônias é realizada fora de suas terras, nas metrópoles, patrocinados pelas famílias, igrejas ou mesmo por bolsas de estudos concedidas pelo governo colonial.

A “comunidade imaginada” será pensada por essa elite e será construída em seus lugares de exílio. Serão indivíduos marcados pelo trânsito geográfico. E a maior parte não deverá seguir as posições radicais de um retorno à África tradicional, embora também encontremos correntes adeptas de tais posições. Aníbal valoriza o futuro e poderíamos aqui citar o pensamento do escritor Wole Soyinka como semelhante ao seu. Assim nos diz o autor:

“Recusamos terminantemente a defender a exclusão de qualquer fonte de conhecimento seja oriental, europeia, africana, polinésia ou qualquer outra. Não é possível que se queira

legislar que, uma vez que se adquira um conhecimento, esse conhecimento seja extirpado para sempre como se nunca tivesse existido.”

Esse tipo de educação não impediu que fossem mantidos os vínculos com as tradições nativas e segundo Anthony Appiah, originário de Gana, os colonizadores superestimam a extensão do controle exercido sobre os africanos.

A conseqüência do processo educacional realizado junto aos colonizadores trás o surgimento de um novo sujeito cultural africano, uma nova “personalidade” que se forma através de um diálogo entre dois eus e entre duas temporalidades: o presente africano-ocidental e um passado nativo que ainda se mantém vivo. Assim é Aníbal em seus ideais, crenças e utopias.

O resultado de tal situação é a formação de seres “anfíbios”, segundo a concepção de Michael Ondaatfe, (alguém que aqui se identificava por ter nascido no Sri Lanka, descendente de indianos, holandeses e ingleses) como bastardos internacionais – nascidos em um lugar e optando por viver em outro: lutando a vida toda para voltar ou para fugir de suas terras natais.

Aníbal é o exemplo desses indivíduos caracterizados acima. Intelectual brilhante, elogiado por acadêmicos e consciente de sua função na formação da nação angolana.

Coerente durante toda sua trajetória de vida percorre o caminho da luta, fugindo de Lisboa para Paris e de lá para a guerrilha angolana. Continuamos a acreditar que a literatura é um importante instrumento de construção da identidade nacional. Na África, a literatura nacional concentra-se nos anos 50 e 60 e como observa Appiah, o conteúdo contestador dessas obras era esperado pelo público africano e, sobretudo, ocidental, que considerava necessário que as novas literaturas deveriam ser anticolonialistas e nacionalistas. Entre essas obras está *A Geração da Utopia* de Pepetela e percorre toda a luta desde a preparação até o desencanto da ambígua vitória. Os intelectuais, como Aníbal (e até o próprio autor) participam de forma dramática do conflito entre o desejo de libertar-se do colonialismo político e cultural, participando da criação das novas nações e de uma nova literatura, e a constatação do fracasso dos novos governantes e dos modelos de Estado-Nação que foram construídos. Constata-se que os poderosos do presente ou do passado são descritos como igualmente incapazes de governar de forma justa.

Aníbal, mesmo descrente, chamado por uns de louco e por outros de eterno comandante, não repudia o nacionalismo, mas os governantes e os modelos seguidos. Refugia-se em uma região inóspita, isola-se do poder e das benesses que só dele advém. Em sua solidão planta uma árvore e a ela fornece a água de sua sobrevivência. Acredita que nela mora o espírito de uma mulher a quem amou. Obsessivamente espera o dia de matar seus mitos e medos. A vida de Aníbal é a decepção com a África pós-independência, mas uma obra que começa por “Portanto” não pode chegar a um “Epílogo”.

Assim é a revolução. Assim são as utopias. Sempre algo a se fazer, a se construir.

Angola é uma nação possível, uma realidade interna a ser transformada para que os ideais possam ser atingidos, longe das minas criminosas e das interferências externas deploráveis. E após entrevistar vários angolanos, além de Pepetela, tive a resposta de que a maioria quer

ser angolana, querem ser membros de um único povo e que antes de tudo que as diferenças sejam respeitadas.

Bibliografia

- ANDERSON, BENEDICT. *Nação e consciência Nacional*. São Paulo; Ed. Ática, 1989.
- APPIAH, KWANY ANTHONY. *Na casa de meu pai*. A África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- HOBSBWN, ERIC J. *Nações e Nacionalismo*. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1990.
- MANNHEIN, KARL. *Ideologia e Utopia*. São Paulo. Zahar, 1968.
- PEPETELA, A *Geração da Utopia*; Lisboa; Publicações D. Quixote, 1989.
- REIS, ELIANA LOURENÇO DE LIMA. *A Literatura de Wole Soyinka; Pós-Colonialismo, Identidade e Mestiçagem Cultural*. Rio de Janeiro; Relume Dumará, 1999.